



COLEÇÃO ESTRELAS DA LITERATURA JUVENIL



PETER BROWN
PRÊMIO CALDECOTT HONOR

ROBOT EM FUGA



fábula

ÍNDICE

1. A CIDADE	9
2. O CAIXOTE	13
3. A ROBOT.....	14
4. A FAMÍLIA	16
5. A QUINTA	20
6. O MONSTRO.....	25
7. A HISTÓRIA DA ROBOT	27
8. O <i>TABLET</i>	32
9. O PRIMEIRO DIA.....	33
10. A ROTINA.....	37
11. OS RETARDATÁRIOS	39
12. A ROBOT COM SAUDADES	42
13. O SINAL ELETRÓNICO.....	43
14. A TRISTE VERDADE	45
15. AS CRIANÇAS	46
16. O SONHO DA ROBOT	51
17. OS PÁSSAROS.....	52

18. A ROBOT DE ENTRETER	55
19. OS CONTADORES DE HISTÓRIAS	59
20. OS ANIMAIS SELVAGENS	61
21. O UIVO.....	63
22. OS LOBOS.....	64
23. A ESPINGARDA.....	68
24. O <i>BLUFF</i>	71
25. O VERÃO.....	75
26. O TORNADO.....	77
27. A ROBOT AVARIADA.....	82
28. A OFICINA	84
29. O RESCALDO.....	87
30. A PRENDA.....	91
31. A FOGUEIRA.....	94
32. O VELHO CELEIRO.....	97
33. O OUTONO.....	101
34. OS GANSOS ENCANTADOS	103
35. AS MEMÓRIAS.....	105
36. O BANDO INVULGAR.....	106
37. O REENCONTRO	108
38. A VERDADE	111
39. OS ALIADOS	113
40. O INSTINTO	116
41. O INVERNO.....	118
42. O PLANO	121
43. A OPERAÇÃO.....	123

44. A ROBOT PACIENTE.....	130
45. AS CONVERSAS NO ESTÁBULO	131
46. A PRIMAVERA	136
47. O JANTAR.....	138
48. O REGRESSO	144
49. AS DESPEDIDAS.....	146
50. A ROBOT LIVRE	151
51. A NAVE.....	152
52. O VIGILANTE.....	156
53. A ZONA RURAL.....	158
54. AS MONTANHAS.....	160
55. O ATAQUE.....	162
56. A TOCHA.....	167
57. AS PEDRAS.....	170
58. A CABANA.....	174
59. UMA ESTRANHA NATUREZA	178
60. OS CAÇADORES	180
61. O GUIA	183
62. O CONFRONTO.....	188
63. O BARCO A REMOS.....	192
64. A CRIATURA MARINHA.....	196
65. A BALEIA.....	198
66. UMA NOVA TERRA.....	202
67. A VILA.....	204
68. A ESTAÇÃO.....	208
69. O COMBOIO.....	211

70. ATRAVESSANDO A CIDADE.....	214
71. OBSERVAÇÕES.....	218
72. A POLÍCIA.....	219
73. OS POMBOS.....	221
74. O CÉU.....	226
75. OS RECOS.....	228
76. DE MANHÃ.....	231
77. OS SUBTERRÂNEOS.....	234
78. A PERSEGUIÇÃO.....	236
79. A CRIADORA.....	244
80. UMA FALHA MARAVILHOSA.....	247
81. A INCINERAÇÃO.....	253
82. O SEGREDO.....	254
83. A NOVA ROBOT.....	256
84. A NOVA MÃE.....	259
85. OS CONVIDADOS.....	263
86. O VOO.....	267
87. A CHEGADA A CASA.....	270
88. A DESPEDIDA FINAL.....	273
89. A PARTIDA.....	276
90. A ILHA.....	278
EPÍLOGO.....	281
UMA NOTA SOBRE A HISTÓRIA.....	283
AGRADECIMENTOS.....	285

1

A CIDADE

A nossa história começa numa cidade, com edifícios e ruas e pontes e parques. As pessoas caminhavam, os carros circulavam, os aviões voavam, os robots trabalhavam arduamente.

Um camião de entregas atravessava as ruas da cidade. O camião, sozinho, sabia para onde ir e como lá chegar. Estacionou ao pé de um local em obras e descarregou automaticamente alguns caixotes. Deu mais umas voltas e descarregou outros caixotes no porto. O camião

fez zig
e
fez zag

por toda a cidade, entregando caixotes pelo caminho, e depois entrou numa autoestrada.

Na autoestrada cruzavam-se carros e autocarros e camiões. Mas à medida que o camião avançava, o tráfego

tornava-se menos intenso, os edifícios menores e a paisagem mais verde.

Sem nada pela frente ao longo da estrada, o camião acelerou até à sua velocidade máxima. A paisagem lá fora era agora apenas uma mancha verde, ocasionalmente cortada por um risco cinzento quando passavam por uma cidade. O camião continuou e continuou, atravessando longas pontes, acelerando em túneis de montanha, deslizando por quilómetros de estradas retas, até que começou a abrandar. Passou da faixa de aceleração

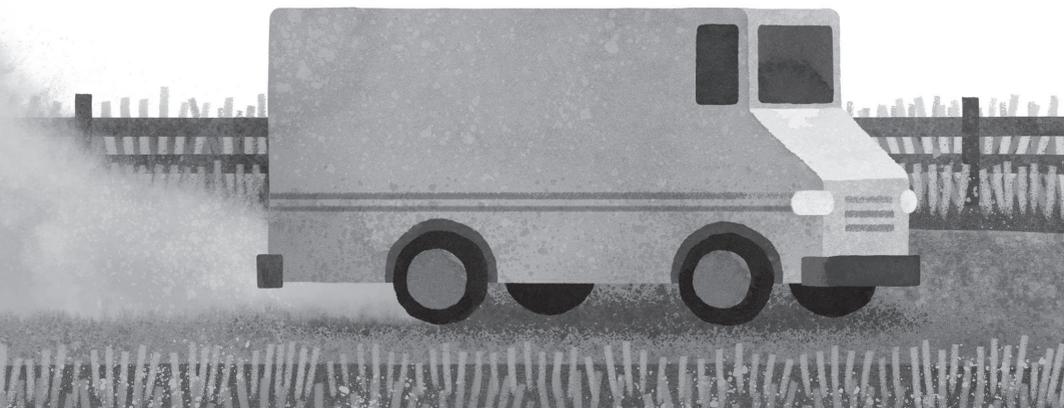


para a faixa de saída, e depois entrou num caminho que atravessava uma zona rural.

Nuvens de pó levantavam-se à passagem do camião por campos e vedações. A grande distância, celeiros maciços erguiam-se na planície. O ar tinha um odor pesado a terra e a gado. Equipas de robots trabalhavam metodicamente as plantações e alimentavam os animais e operavam as enormes máquinas agrícolas.

Na linha de visão apareceu gradualmente uma colina. A colina era coroada por árvores e edifícios brancos. Outra quinta. Mas esta era mais pequena e descuidada do que as outras. À frente tinha uma tabuleta desgastada que dizia *Quinta Hilltop*.

Os pneus calcaram a gravilha enquanto o camião entrava no caminho e subia ao topo da colina. Parou em frente ao alpendre da casa da quinta e descarregou o seu último caixote. Depois foi-se embora.



Leitor, consegues adivinhar o que estava firmemente embalado dentro do caixote? Se disseste um robot, acertaste. Mas este não era um robot qualquer. Era a unidade ROZZUM 7134. Talvez te lembres da sua antiga vida, numa ilha remota e selvagem. Bem, a nova vida da Roz estava prestes a começar.

2

O CAIXOTE

Ão! Ão! Ão!

Dentro da casa da quinta, um cão ladrava e arranhava a porta da rua. Quando a porta finalmente se abriu, o cão correu para o exterior e desceu os degraus do alpendre aos saltos. E depois apareceu um homem.

O homem coxeava, e aproximou-se lentamente do caixote, que o cão já farejava por todos os lados. Soltou a tampa e as dobradiças abriram-se. A espuma protetora foi atirada para o lado, as cordas foram desapertadas, e ali estava a unidade ROZZUM 7134. O seu corpo sem vida brilhou à luz do sol que caía.

O homem baixou-se e carregou num pequeno e importante botão na nuca da robot.

Clic.

3

A ROBOT

O cérebro computadorizado da robot ligou-se e os seus programas começaram a carregar. Depois levantou-se automaticamente, saiu do caixote e começou a falar:

— Olá, eu sou a unidade ROZZUM 7134, mas pode chamar-me Roz. Enquanto os meus sistemas robóticos se ativam, vou falar um pouco de mim.

» Depois de estar plenamente ativada, poderei mover-me e comunicar e aprender. Se me derem uma tarefa, eu cumpri-la-ei. Com o tempo, encontrarei melhores formas de cumprir as minhas tarefas. Tornar-me-ei numa robot melhor. Quando não for necessária, não atrapalharei, e manter-me-ei em bom estado funcional.

» Obrigada pelo seu tempo.

» Estou, neste momento, completamente ativada.



4 A FAMÍLIA

— Bem-vinda à Quinta Hilltop, Roz. O meu nome é Sr. Shareef. Agora pertences-me.

A Roz estudou o homem com o brilho suave dos seus olhos e, numa voz robótica, respondeu:

— Olá, Sr. Shareef.

— Este velho amigo é o Óscar. — O Sr. Shareef coçou a cabeça do cão. — Não vais vê-lo muitas vezes. O Óscar passa a maior parte do tempo a dormir dentro de casa.

— Olá, Óscar — disse a Roz.

O cão fez uma expressão divertida e soltou um latido alegre.

O Sr. Shareef tirou um pequeno *tablet* do bolso. Tocou no ecrã e abriu um mapa da Quinta Hilltop.

— Aqui estás tu, Roz — disse ele, quando o sinal eletrónico da robot apareceu no mapa. — Vais trabalhar por toda a quinta. E agora que entraste no sistema conseguirei saber sempre onde estás.

— O que gostaria que eu fizesse? — perguntou a Roz.

— Podes começar por guardar o teu caixote ali na garagem. Vou ficar com ele, para o caso de ter de te devolver à fábrica.

A Roz fora sem dúvida criada para cumprir ordens, porque o seu corpo fez automaticamente o que lhe era pedido. Meteu os materiais de embalagem dentro do caixote e levou-o para a garagem.

Quando a Roz voltou, o Sr. Shareef estava a olhar para uma carrinha escolar que se aproximava pela estrada. O Óscar ladrou e desatou a correr em direção à carrinha, que parou no início do caminho de entrada. Um rapaz e uma rapariga saíram e a carrinha foi-se embora. Com as suas fardas condizentes, as crianças pareciam quase iguais. Mas o menino era um pouco mais alto e o cabelo da menina era um pouco mais comprido. Subiram o caminho e brincaram por ali com o cão, até que repararam na Roz.

— Um robot! — disse a menina, aproximando-se a correr.

— Já estava na altura de termos um — afirmou o menino.

— É em segunda mão — explicou o homem. — Foi a mais barata que encontrei, mas será uma trabalhadora razoável.

— Como é que se chama? — perguntou a menina.

— Ela diz que se chama Roz.

— Isso é só o nome inicial — disse o menino. — Podemos dar-lhe outro nome qualquer. Vamos chamar-lhe... Trator-bot!

— Eu até gosto de Roz — replicou a menina.

— Eu também — disse o Sr. Shareef. — Vamos deixá-la com o nome que tem. Roz, quero apresentar-te a minha filha, Jaya, e o meu filho, Jad.

— Olá, Jaya e Jad — disse a Roz.

As crianças olharam uma para a outra e sorriram.

— A Roz vai obedecer às minhas ordens? — perguntou o Jad.

— E às minhas? — questionou a Jaya.

— Sim, ela obedecerá a ordens dos dois.

— Roz, ordeno-te que faças os meus trabalhos de casa! — disse a Jaya.

— Não a faças perder tempo com disparates! — resmungou o Sr. Shareef. — A Roz está aqui para trabalhar na quinta e não para fazer os teus trabalhos de casa, entendido?

As crianças acenaram.

— E agora eu ordeno-vos que levem o cão para dentro e vão fazer os vossos trabalhos de casa — disse o Sr. Shareef. — Tenho de mostrar a quinta à Roz.



5

A QUINTA

O Sr. Shareef virou-se e gritou:

— Rambler, chega aqui!

Um momento depois, uma carrinha de caixa aberta saiu automaticamente da garagem. Parou junto do homem e da robot, as portas abriram-se por completo, e ambos entraram.

A Rambler tinha volante, mas o Sr. Shareef recostou-se e deixou-a conduzir-se sozinha. Seguiram o caminho de gravilha pelas traseiras da casa, atravessaram o pátio, passaram árvores e sebes e, de repente, estavam rodeados de edifícios rurais. Eram de diferentes formas e tamanhos, mas



todos brancos com telhados cinzentos, e estavam construídos tão juntos que quase não se conseguia dizer onde terminava um e começava outro. Alguns estavam cobertos de lama. Outros tinham buracos e tábuas soltas. Toda a zona cheirava a erva e estrume.

O Sr. Shareef ia apontando os edifícios à Roz. Havia o enorme celeiro dos laticínios, o local da ordenha, a oficina, o telheiro das máquinas.



Telheiros mais pequenos estavam espalhados por todo o lado.

A Rambler saiu da zona dos edifícios e desceu a encosta até uma vasta área de terra de cultivo. Uma vedação acompanhava aquela parte da estrada rural, e para lá da vedação havia um pasto enorme e ondulante, com viçosa erva alta e algumas árvores frondosas, onde uma manada de vacas pastava. As vacas abanaram as caudas e mastigaram a erva e seguiram a carrinha com o olhar. Uma delas soltou um longo «muuuu».

— Esta é uma quinta de laticínios — disse o Sr. Shareef. — Por isso, aqui as vacas são rainhas. Todo o teu mundo vai girar à volta delas, a partir de agora. Compreendes?

— Compreendo — respondeu a Roz, olhando fixamente um bezerro que também a olhava da mesma forma.

Passaram pela manada de vacas, por maciços de flores selvagens, por um lago sereno, por pássaros e ratos do campo e abelhões. A estrada atravessava uma fileira de árvores em direção aos campos de cultivo, que eram lisos e quadrados e cobertos de rebentos verdes e brilhantes.

A Quinta Hilltop estava plena de vida, mas já tinha visto melhores dias. Manchas de ervas daninhas e terra desocupada começavam a alastrar pelos campos. Máquinas agrícolas avariadas e montes de lixo estavam espalhados pelo solo. Espessos emaranhados de silvas começavam a invadir os limites da propriedade.

A carrinha levou-os até aos campos mais distantes, onde a estrada terminava numa pequena rotunda. A Ramble desligou o motor e o homem e a robot ficaram sentados a olhar para a paisagem.

Muito ao longe, onde a terra e o céu se juntavam, um comboio deslizava calmamente nos seus carris, desaparecendo para norte. Depois disso, tudo ficou parado.

— Esta quinta precisa de ajuda — disse por fim o Sr. Shareef. — Está na minha família há gerações e não quero perdê-la. Mas com esta perna assim, já não posso fazer muitos trabalhos da quinta. É por isso que estás aqui. Dizem que os robots ROZZUM conseguem aprender a fazer quase todos os tipos de trabalho. E nesta quinta terás de fazer quase todos os tipos de trabalho.

— Compreendo — afirmou a Roz.

— Já temos máquinas automáticas há muito tempo — continuou o Sr. Shareef —, mas não precisámos de um robot até a minha mulher ter morrido.

Estas últimas palavras flutuaram no ar durante uns momentos.

O silêncio foi finalmente quebrado por um baixo ruído de trovoadas. Aproximava-se uma tempestade. A época dos tornados ainda estava a meses de distância, mas no campo, qualquer tempestade podia tornar-se perigosa.

— Vamos para casa — disse o Sr. Shareef.

A Rambler ligou o motor e conduziu-os de regresso, subindo a longa estrada rural. Quando chegaram aos edifícios da quinta, caía uma chuva persistente, e as vacas já estavam no celeiro.

— Isto é para ti — disse o Sr. Shareef, e entregou à Roz o seu próprio *tablet*. — Controla todos os equipamentos da quinta e tem toda a informação de que vais precisar para trabalhar aqui. Sabes usar um *tablet*?

— Sim, sei usar um *tablet*.

A Roz nunca tinha usado nenhum antes, mas sabia instintivamente o que fazer. A robot tinha sido, sem dúvida, criada para trabalhar com tecnologia.

— Estuda isso hoje à noite e começa o trabalho na quinta amanhã — disse o Sr. Shareef. — Podes ficar no telheiro das máquinas com as outras máquinas.

— Talvez devesse ficar no celeiro com as vacas — disse a Roz. — Todo o meu mundo vai girar à volta delas, a partir de agora.

O homem sorriu e disse:

— Gosto da forma como pensas, Roz.

6

O MONSTRO

As vacas estavam a mastigar feno nas suas manjedouras quando a porta do celeiro deslizou, abrindo, e um monstro mecânico entrou, vindo da chuva. A criatura marchou pela zona central, os seus passos ecoando no espaço cavernoso, até que encontrou um canto vazio. E ali ficou ela, na sombra, enquanto a tempestade começava a rugir lá fora.

Todos ficaram a ouvir a chuva a cair e o vento a uivar e a trovoada a rugir. Por volta da meia-noite a tempestade tinha amainado, e já só se ouvia um pingar suave no telhado. Mas a manada não conseguia descansar com aquele monstro ali a espreitar no canto. As vacas começaram a sussurrar umas com as outras:

— O que está o monstro a fazer?

— Há horas que não se mexe.

— Aposto que está à espera para nos comer enquanto dormimos!

As vacas arfaram com este horrível pensamento. Mas uma velha vaca chamada Annabelle tentou acalmar a manada.

— Relaxem todas — disse ela. — Havia monstros iguais a este na minha quinta anterior e nunca comeram vacas nenhuma. Agora que penso nisso, nunca comeram nada de nada.

— Se este monstro nunca comeu nada de nada, deve estar com uma fome dos diabos! — afirmou uma vaca chamada Tess.

— Vi o dono da quinta a percorrer tudo com o monstro ao lado — retorquiou uma bezerra chamada Lily. — Acho que ele não faria isso se ele fosse perigoso.

Ninguém sabia bem o que pensar da estranha criatura que estava no meio delas.

— Acho que o monstro é inofensivo.

— Acho que o monstro não é natural!

— Acho que o monstro está a *mexer-se!*

A manada fez silêncio quando o monstro marchou das sombras para o centro do celeiro. E então o monstro fez o impossível. Fez o impensável. Falou com as vacas na linguagem dos animais:

— Não sou um monstro, sou uma robot. Chamo-me Roz.

7

A HISTÓRIA DA ROBOT

Nenhuma das vacas queria acreditar que aquele monstro, aquela robot, aquela máquina, tinha acabado de falar na linguagem dos animais. Ficaram a olhar para ela, agitando-se nervosamente e perguntando-se o que faria ela a seguir.

O que a Roz fez foi simples. Contou-lhes a verdade. Ficou ali no meio do celeiro e partilhou a sua história com a manada.

— Passei o meu primeiro ano de vida numa ilha remota e selvagem — começou ela. — Não sabia como lá tinha chegado, só sabia que queria sobreviver. Por isso, estudei os animais da ilha, para ver como eles sobreviviam, e então aconteceu uma coisa surpreendente. Os seus sons e movimentos começaram a fazer sentido para mim. Estava a aprender a linguagem dos animais.

» Mas mesmo quando eu já conseguia falar com eles, os animais não queriam nada comigo. Isso só mudou

quando eu encontrei um gansinho órfão. O pobrezinho teria morrido sem ajuda, por isso eu tomei conta dele e adotei-o como meu filho. Chama-se Bico-Brilhante.

Um murmúrio percorreu a manada.

— Quando os animais viram como eu cuidava do Bico-Brilhante, aceitaram-me finalmente. Eu já não estava só. Tinha amigos e família e uma casa. A vida era boa.



» E depois chegaram os robots RECO. Chegaram na sua nave branca e elegante para me levarem, e quando resisti, tornaram-se violentos. Os animais defenderam-me, lutaram corajosamente e destruíram os RECO. Mas eu fiquei muito estragada durante a luta. Precisava de ser reparada e não podia fazê-lo na ilha. Então os animais puseram o meu corpo desfeito na nave e ela levou-me para muito longe da minha casa.

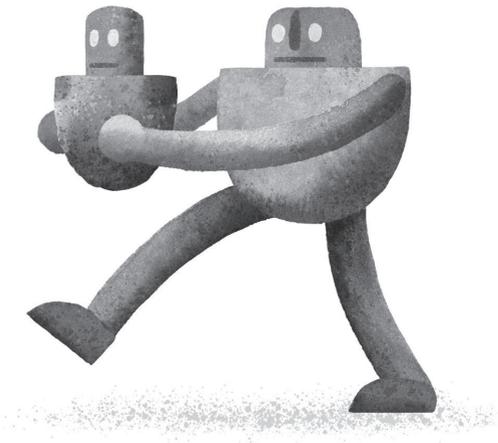
A bezerra Lily pôs a cabeça entre as grades da sua divisória e perguntou:

— Então e o Bico-Brilhante?

— O meu filho é inteligente e forte, e tem um excelente bando — disse a Roz. — Acho que ele ficará bem sem mim.

— Para onde te levaram? — perguntou a Tess.

— Levaram-me de volta à fábrica onde tinha sido construída. A fábrica é gerida por uma equipa de robots montadores, os Criadores. Quando cheguei,



puseram-me numa sala com outros robots estragados. Alguns estavam completamente desfeitos, e os Criadores desapareciam logo com eles. Mas aqueles de nós cujos cérebros computadorizados ainda funcionavam tinham de passar num teste.

— Que tipo de teste? — perguntou a Lily.

— Os Criadores fizeram-nos simplesmente algumas perguntas. Perguntaram como tínhamos ficado avariados. Perguntaram como responderíamos perante certas emergências. Pediram-nos para identificarmos certos sons e cheiros e objetos. Os robots que responderam corretamente a todas as perguntas foram reparados. Todos os outros foram destruídos.

» Na natureza selvagem, eu camuflava o meu corpo para sobreviver. Na fábrica de robots, camuflei a minha personalidade para conseguir sobreviver. Fingi ser um robot perfeitamente normal. Não disse que tinha adotado um ganso ou que sabia falar com os animais ou que tinha resistido aos RECO. Disse o que tinha de dizer para passar no teste. E funcionou.

— Que bom para ti, Roz! — gritou a Tess, e as outras vacas sorriram.

— Os Criadores desligaram-me, e quando voltei a acordar, já tinha o corpo arranjado e estava nesta quinta. E agora, como todas vocês, também pertença ao Sr. Shareef.

As vacas deixaram de sorrir.

Ficaram caladas.

E depois a velha Annabelle falou:

— Também fui afastada dos meus amigos e família. Continuam na quinta onde eu nasci. Penso neles todos os dias.

— É difícil estarmos longe daqueles que amamos — concordou a Roz.

— Sabes, Roz, as coisas podiam ser piores — disse a Tess. — Pelo menos nesta quinta ainda continuas rodeada de natureza.

— Sim, as coisas podiam ser piores. — Os olhos dela brilharam um pouco. — Mas aqui não estou em segurança. Se qualquer pessoa alguma vez perceber quem eu sou realmente, mandará destruir-me. E é por isso que, quando chegar a altura certa, tentarei fugir.



Livros que te surpreendem pela história,
que te atraem pela imagem,
que te conquistam pela mensagem,
que se distinguem como estrelas brilhantes.

LIVROS QUE FICAM PARA SEMPRE CONTIGO



CONSEGUIRÁ ROZ ULTRAPASSAR OS DESAFIOS IMPOSTOS PELA CIVILIZAÇÃO?

Os caçadores de robots aparecem e Roz vai ter de sair da ilha selvagem. Felizmente encontra abrigo na Quinta Hilltop. O tempo vai passando e Roz afeiçoa-se aos animais e às crianças, mas continua a sentir falta da sua vida anterior, da ilha, do seu filho e de todos os animais que se tornaram a sua família.

Alguns meses depois, com a ajuda dos seus novos amigos, Roz consegue escapar e junta-se ao filho, que, entretanto, descobrira a sua nova morada.

E é então que a verdadeira aventura começa. Tudo parece acontecer no caminho de regresso a casa.

Mais uma vez, esta aventura de Roz toca temas como o amor incondicional, a identidade, a coragem e a luta pela sobrevivência.

«Um Robynson Crusó do futuro.»

Wall Street Journal

 **fábula**
imagina descobre voa

20|20 editora

ISBN 978-989-707-874-3

10+



9 789897 078743

Literatura Juvenil